

## XIII SARI



### **Reggaeton como expressão cultural latino-americana: identidade, resistência e soft power**

Reggaeton as a Latin American cultural expression:  
identity, resistance and soft power

Jordana Dorneles Guedes<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

#### Resumo

O presente artigo analisa o reggaeton como expressão cultural latino-americana, compreendendo-o como um fenômeno social, artístico e político que articula identidade, resistência e soft power no contexto da globalização contemporânea. Inserido no campo das Relações Internacionais, o estudo dialoga com os eixos de cultura, poder simbólico e colonialidade, buscando compreender de que modo expressões musicais oriundas de contextos periféricos podem atuar como instrumentos de influência internacional. A partir de uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica e análise cultural, o trabalho se baseia nas teorias de Néstor García Canclini, Stuart Hall, Ángel Quintero Rivera, Deborah Pacini Hernández e George Yúdice para interpretar o reggaeton como produto da modernidade híbrida latino-americana. O artigo contextualiza a origem histórica do gênero, sua evolução estética e temática, bem como sua inserção na indústria musical global, destacando a valorização do idioma espanhol, dos sotaques regionais e das narrativas subalternizadas. Também são analisadas as tensões entre resistência cultural e mercantilização, evidenciando como o reggaeton, mesmo inserido no mainstream, mantém-se como espaço de disputa simbólica frente ao colonialismo moderno. Conclui-se que o reggaeton constitui uma forma relevante de afirmação identitária e de projeção cultural da América Latina no cenário internacional, contribuindo para ampliar o debate sobre cultura e poder nas Relações Internacionais.

**Palavras-Chave:** Reggaeton; Cultura Latino-Americana; Identidade; Resistência; Soft power

## Abstract

This article analyzes reggaeton as a Latin American cultural expression, understanding it as a social, artistic, and political phenomenon that articulates identity, resistance, and soft power within the context of contemporary globalization. Positioned within the field of International Relations, the study engages with debates on culture, symbolic power, and coloniality, seeking to understand how musical expressions originating in peripheral contexts can operate as instruments of international influence. Adopting a qualitative, exploratory, and descriptive approach based on bibliographic review and cultural analysis, the article draws on the theoretical contributions of Néstor García Canclini, Stuart Hall, Ángel Quintero Rivera, Deborah Pacini Hernández, and George Yúdice to interpret reggaeton as a product of Latin American hybrid modernity. The research examines the historical origins of the genre, its aesthetic and thematic evolution, and its incorporation into the global music industry, highlighting the valorization of the Spanish language, regional accents, and subaltern narratives. The article also discusses the tensions between cultural resistance and commodification, showing how reggaeton, even within the mainstream, remains a site of symbolic dispute against modern colonial structures. It concludes that reggaeton represents a significant form of identity affirmation and cultural projection of Latin America in the international arena, contributing to broader discussions on culture and power in International Relations.

**Keywords :** Reggaeton; Latin American Culture; Identity; Resistance; Soft power

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o reggaeton deixou de ser um gênero musical restrito às periferias urbanas do Caribe hispânico para ocupar posição central na indústria cultural global. Sua ampla circulação internacional, impulsionada por plataformas digitais e mercados transnacionais, transformou o reggaeton em um dos principais vetores de visibilidade simbólica da América Latina no século XXI. Esse processo, contudo, não ocorre de forma neutra, ele está atravessado por disputas identitárias, relações de poder, tensões coloniais e contradições entre resistência cultural e mercantilização. A partir dessa constatação, o presente trabalho propõe analisar o reggaeton como expressão cultural latino-americana, examinando suas conexões com os conceitos de identidade, resistência e *soft power* no âmbito das Relações Internacionais.

Parte-se do entendimento de que a cultura, longe de ocupar um lugar marginal na política internacional, constitui um campo estratégico de produção de sentidos, afetos e representações capazes de influenciar percepções globais sobre povos, territórios e

regiões. Nesse contexto, o reggaeton emerge como uma forma de diplomacia cultural não estatal, ao mesmo tempo em que revela os limites desse poder simbólico diante das assimetrias estruturais do sistema internacional.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise bibliográfica e documental. O trabalho mobiliza autores centrais das Relações Internacionais, especialmente no debate sobre *soft power* e diplomacia cultural, bem como contribuições dos estudos culturais latino-americanos, da sociologia da cultura e das teorias pós-coloniais e decoloniais. Além disso<sup>1</sup>, produções musicais representativas do reggaeton são utilizadas como fontes primárias culturais, compreendidas como registros simbólicos que expressam narrativas sociais, disputas políticas e processos históricos vinculados à formação e à internacionalização do gênero.

As fontes analisadas incluem livros, artigos científicos e ensaios teóricos que abordam a evolução histórica do reggaeton, sua inserção no mainstream global, o papel das mulheres e das minorias sexuais e de gênero, assim como as dinâmicas de apropriação e mercantilização promovidas pela indústria cultural. A incorporação da perspectiva de Paul Kennedy contribui para ampliar o debate, ao permitir uma reflexão crítica sobre a distância entre reconhecimento cultural e soberania política, especialmente no contexto das relações assimétricas entre a América Latina e as grandes potências.

Os resultados da investigação indicam que o reggaeton atua como importante mecanismo de afirmação identitária e de projeção simbólica da América Latina no cenário internacional, desafiando narrativas coloniais e ampliando a visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados. Contudo, o trabalho demonstra que essa projeção cultural não se traduz automaticamente em poder político ou autonomia econômica, permanecendo condicionada às estruturas de dominação que organizam o sistema internacional. Assim, o reggaeton revela-se um objeto privilegiado para compreender as potencialidades e os limites da cultura como forma de poder na América Latina contemporânea.

---

<sup>1</sup> As produções musicais e audiovisuais são tratadas como fontes primárias simbólicas, seguindo a tradição dos estudos culturais que reconhece obras artísticas como registros sociais, históricos e políticos (HALL, 2003; YÚDICE, 2003)

## **ORIGENS, EVOLUÇÃO HISTÓRICA E EXPANSÃO TRANSNACIONAL DO REGGAETON**

O reggaeton, nascido entre os fluxos migratórios afro-caribenhos do Panamá e consolidado nas periferias urbanas de Porto Rico, tornou-se, ao longo das últimas décadas, um dos fenômenos culturais mais expressivos da América Latina no cenário global. Inicialmente marginalizado, criminalizado e associado às juventudes negras e periféricas, o gênero percorreu um trajeto único que o levou das ruas e clubes clandestinos às principais plataformas digitais, premiações internacionais e circuitos culturais globais.

Historicamente, o reggaeton emerge no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 a partir do Reggae em Español panamenho, com artistas como El General e Nando Boom, desenvolvendo-se em Porto Rico por meio do chamado underground, fortemente influenciado pelo dancehall jamaicano, pelo hip hop estadunidense e por tradições afro-boricuas como a bomba e a plena. Durante os anos 1990, o gênero foi alvo de censura estatal e perseguição policial, acusado de vulgaridade, criminalidade e ameaça moral, o que reforçou seu caráter marginal e contestador (QUIJANO, 2000; QUINTERO RIVERA, 2009).

## **CONSOLIDAÇÃO COMERCIAL (2000-2010) E CIRCULAÇÃO GLOBAL (2010-PRESENTE)**

Nos anos 2000 ocorre a primeira grande virada do reggaeton com sua entrada no mercado internacional, marcada por sucessos como Gasolina (Daddy Yankee, 2004) e Dale Don Dale (Don Omar, 2003). Esses lançamentos romperam barreiras linguísticas e consolidaram o gênero como produto cultural transnacional, inserindo o espanhol no centro da indústria musical global (PACINI HERNÁNDEZ, 2010). Paralelamente, o reggaeton passou a desempenhar um papel central na consolidação identitária das diásporas latinas nos Estados Unidos da América, funcionando como elo simbólico

entre juventudes migrantes e seus territórios de origem (RIVERA-RIDEAU, 2015).

A partir da década de 2010, o reggaeton passa por uma transformação impulsionada pela criação e expansão de plataformas digitais, como o YouTube. O sucesso de Despacito (2017) do cantor Luis Fonsi e Daddy Yankee evidencia o alcance global do gênero, ao mesmo tempo em que artistas como Bad Bunny, Karol G, J Balvin e Residente ampliam suas possibilidades discursivas, incorporando pautas identitárias, críticas sociais e debates sobre colonialidade.

Esse processo demonstra que, embora inserido no mercado global, o reggaeton não perde totalmente sua dimensão política, convertendo-se em um espaço de circulação simbólica latino-americana no sistema internacional (YÚDICE, 2003).

## **IDENTIDADE, LINGUAGEM E HIBRIDIZAÇÃO CULTURAL NO REGGAETON**

A análise do reggaeton como expressão cultural latino-americana exige compreender a identidade não como uma essência fixa ou natural, mas como uma construção histórica, relacional e discursiva, produzida no interior de relações de poder. Stuart Hall (1997; 2003) argumenta que as identidades culturais são constantemente formadas e reformuladas por meio da representação, emergindo de disputas simbólicas que envolvem memória, pertencimento e exclusão. Nesse sentido, o reggaeton pode ser compreendido como uma linguagem social que transforma experiências coletivas de marginalização em narrativas culturalmente compartilhadas, articulando identidade e resistência.

A centralidade da linguagem no reggaeton constituiu um dos elementos politicamente mais relevantes. O uso do espanhol, especialmente em suas variações regionais, caribenhas e populares, rompe com a hierarquia linguística global que privilegia o inglês como o idioma legítimo da modernidade e da circulação cultural internacional. Conforme destaca Jan Blommaert (2010), a globalização não elimina desigualdades linguísticas, mas as reorganiza em escalas de prestígio, legitimidade

e poder. Ao ocupar espaços centrais da indústria musical global sem abandonar suas marcas linguísticas locais, o reggaeton desafia essas hierarquias e reinscreve o espanhol latino-americano como língua de produção simbólica transnacional.

Essa dinâmica articula-se diretamente ao conceito de hibridização cultural desenvolvido por Néstor García Canclini (2005). Para o autor, a modernidade latino-americana não se define pela ruptura com a tradição, mas pela articulação impura e desigual entre heranças locais e fluxos globais. O reggaeton expressa essa lógica ao fundir ritmos afro-caribenhos, linguagens musicais globais e experiências urbanas periféricas, produzindo uma sonoridade que é simultaneamente local e transnacional.

Longe de representar diluição cultural, essa mistura constitui uma estratégia política de negociação simbólica. Como argumenta García Canclini (2005), em contextos periféricos a hibridização torna-se uma forma ativa de resistência cultural, permitindo a apropriação seletiva de elementos hegemônicos sem submissão completa a eles. Assim, o reggaeton não apenas reflete a modernidade latino-americana, mas a performance, convertendo desigualdade histórica em linguagem estética capaz de circular globalmente sem perder seu enraizamento social.

## **COLONIALIDADE DO PODER, RESISTÊNCIA CULTURAL E DISPUTAS SIMBÓLICAS**

A emergência do reggaeton e sua marginalização inicial não podem ser compreendidas sem referência à colonialidade do poder, conceito formulado por Aníbal Quijano (2000) para explicar a persistência de hierarquias raciais, culturais e epistemológicas herdadas do colonialismo. Mesmo após o fim formal da dominação colonial, essas estruturas continuam a organizar as relações sociais e culturais na América Latina, definindo quais saberes, corpos e expressões artísticas são considerados legítimos.

No campo cultural, essa lógica manifesta-se na deslegitimação sistemática de expressões produzidas por sujeitos negros, pobres e periféricos. O reggaeton, ao surgir

nas periferias urbanas de Porto Rico, foi associado à criminalidade, à vulgaridade e à ameaça moral, tornando-se alvo de censura estatal e repressão policial durante a década de 1990. Essa reação institucional revela como o Estado atua como agente de reprodução da colonialidade cultural, reforçando padrões eurocêntricos de respeitabilidade e valor estético. Conforme observa Quintero Rivera (2009), a música caribenha historicamente transforma experiências de marginalização em estética coletiva e união, funcionando como arquivo vivo da memória social e da resistência popular.

A resistência do reggaeton não se expressa apenas no discurso verbal, mas também no corpo, no ritmo e na performance. Em «La Danza de la Insurrección», Quintero Rivera (2020) sustenta que a dança afro-caribenha constitui uma forma de ação política encarnada, capaz de expressar contestação mesmo fora das linguagens institucionais tradicionais da política. O corpo que dança no reggaeton torna-se, assim, um espaço de disputa simbólica, confrontando normas morais, raciais e de gênero impostas pela colonialidade.

Além disso, a valorização de sotaques caribenhos, gírias locais e formas linguísticas consideradas “incorretas” aprofunda essa resistência simbólica. Ao recusar a normatividade linguística, o reggaeton afirma o direito de falar a partir das margens, deslocando o centro simbólico da produção cultural global. Como destaca Stuart Hall (2003), a representação é sempre um campo de poder, no qual a linguagem participa ativamente na construção das hierarquias sociais. Nesse sentido, o reggaeton opera como prática contra-hegemônica que desafia as hierarquias coloniais do saber, da estética e da legitimidade cultural.

## **REGGAETON, REPRESENTAÇÃO E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA**

A dimensão identitária e política do reggaeton manifesta-se de forma particularmente clara em produções musicais que articulam memória histórica, pertencimento territorial e crítica ao colonialismo. Essas obras exemplificam o que Stuart Hall (2003) define como representação: o processo pelo qual significados são produzidos, compartilhados e discutidos culturalmente, sempre atravessados por relações de poder.

A canção *Latinoamérica (Calle 13, 2011)* constitui um marco na construção de uma identidade latino-americana coletiva. Ao afirmar “soy lo que dejaron, soy toda la sobra de lo que se robaron”, a música narra uma história de expropriação colonial, violência e resistência. O verso conta séculos de exploração econômica e apagamento cultural em uma afirmação simbólica de pertencimento, transformando sofrimento social em identidade política. Essa obra dialoga diretamente com a leitura de Quintero Rivera (2009), segundo a qual a música latino-caribenha atua como linguagem política coletiva, capaz de converter experiências históricas de dominação em memória compartilhada e afirmação cultural.

Em *This Is Not America (Residente & Ibeyi, 2022)*, a crítica desloca-se para o plano da geopolítica simbólica e da linguagem. O verso “This is not America” funciona como negação performativa da apropriação do termo “América” pelos Estados Unidos, denunciando um processo histórico de apagamento simbólico da América Latina no imaginário global. Essa crítica se aprofunda quando a música afirma, de forma implícita, que a hegemonia não se sustenta apenas por poder militar ou econômico, mas também pelo controle da linguagem e da representação. Tal leitura articula-se diretamente ao conceito de colonialidade do poder de Quijano (2000) e à crítica de Walter Mignolo (2011), para quem nomear o mundo é um ato de dominação epistemológica. Ao questionar quem pode

representar e definir o continente, a música tensiona as hierarquias discursivas que sustentam o poder simbólico estadunidense no sistema internacional.

Já *NUEVAYoL (Bad Bunny, 2025)* expressa a experiência da diáspora latina nos Estados Unidos por meio de uma narrativa cotidiana, urbana e afetiva. Ao afirmar “aquí todavía se habla español”, o artista transforma a língua em marcador político de presença e resistência cultural em um espaço historicamente anglófono. O verso explicita a recusa da assimilação plena e a reivindicação do direito às diferenças, mesmo no interior do centro hegemônico. Essa construção simbólica se liga diretamente com a noção de hibridização cultural proposta por García Canclini (2005), segundo a

---

qual identidades latino-americanas contemporâneas se constroem no “entre-lugar”, negociando tradição, mercado e experiência migrante sem dissolver completamente seus referenciais culturais.

Além disso, a escolha consciente do espanhol como língua principal da narrativa reforça o argumento de Blommaert (2010) sobre a disputa por legitimidade linguística na globalização. Ao manter o espanhol como língua de afirmação identitária em um contexto de dominação simbólica do inglês, NUEVAYoL evidencia como a linguagem opera como instrumento de poder, pertencimento e resistência cotidiana.

Dessa forma, essas produções demonstram que o reggaeton não apenas representa identidades latino-americanas, mas participa ativamente de sua construção e projeção internacional. Ao<sup>11</sup> articular memória histórica (Latinoamérica), crítica geopolítica (*This Is Not America*) e experiência diaspórica (NUEVAYoL), o gênero desloca imaginários, produz reconhecimento simbólico e tensiona hierarquias globais. O reggaeton, assim, consolida-se como espaço privilegiado de disputa cultural, no qual identidade, poder e política se entrelaçam para além dos limites formais do Estado.

## MULHERES, MINORIAS E DISPUTAS INTERNAS NO REGGAETON

A presença feminina no reggaeton, iniciada ainda nos anos 1990 com a cantora Ivy Queen, constitui um marco fundamental nas disputas internas do gênero por representação, legitimidade e poder simbólico. Em um campo historicamente dominado por narrativas masculinas e pela objetificação do corpo feminino, a atuação de Ivy Queen inaugura um movimento de contestação que desloca o lugar da mulher de objeto para sujeito humanizado. Essa disputa pode ser compreendida à luz da noção de representação desenvolvida por Stuart Hall (2003), segundo a qual os significados culturais são produzidos em arenas de conflito, nas quais diferentes grupos lutam para definir identidades e posições sociais.

Com a consolidação do reggaeton no mainstream global, artistas como Karol G,

---

<sup>11</sup> A análise das canções *Latinoamérica*, *This Is Not America* e *NUEVAYoL* não busca uma leitura musicológica, mas uma interpretação discursiva e simbólica, compreendendo essas obras como narrativas culturais que articulam memória histórica, identidade coletiva e crítica geopolítica.

Becky G, Natti Natasha e Tokischa ampliam essa disputa ao negociar, simultaneamente, visibilidade midiática, inserção mercadológica e agência política. A presença desses artistas não elimina as contradições estruturais do gênero que exclui minorias, mas evidencia que o reggaeton se tornou um espaço de disputa simbólica no qual mulheres reivindicam a autonomia narrativa, econômica e corporal. Esse processo dialoga com os debates atuais sobre feminismo e cultura popular, que reconhecem a ambiguidade das estratégias de inserção no mercado como formas possíveis ainda que tensionadas de reapropriação do poder simbólico (McRobbie, 2009).

Paralelamente, a emergência de artistas LGBTQIA+, como Villano Antillano e Young Miko, amplia os horizontes políticos do reggaeton ao confrontar sua herança heteronormativa e patriarcal. Essas presenças introduzem novas narrativas sobre gênero, sexualidade e corpo, desafiando normas sociais profundamente enraizadas nas sociedades latino-americanas. Tal movimento pode ser interpretado a partir do conceito de colonialidade do gênero, desenvolvido por María Lugones (2008), que evidencia como as hierarquias sexuais e de gênero foram impostas como parte do projeto colonial moderno. Nesse sentido, o reggaeton torna-se um espaço privilegiado de resistência cultural, no qual identidades dissidentes disputam reconhecimento e legitimidade em escala global.

## **REGGAETON, SOFT POWER E DIPLOMACIA CULTURAL**

O conceito de soft power, formulado por Joseph Nye (2004), permite compreender o reggaeton como forma de influência simbólica não estatal, na medida em que o gênero projeta seus valores, identidades e narrativas latino-americanas no cenário global por meio da língua, da estética e da corporalidade. Essa circulação cultural, ainda que não institucionalizada, opera<sup>III</sup> como mecanismo de persuasão simbólica capaz de moldar percepções externas sobre a região, articulando cultura, poder e política internacional.

---

<sup>III</sup> Entende-se por diplomacia cultural o conjunto de práticas por meio das quais expressões culturais circulam internacionalmente, produzindo sentidos políticos, identitários e simbólicos para além dos canais diplomáticos formais do Estado. No contexto contemporâneo, essas práticas assumem caráter descentralizado, envolvendo artistas, mercados e públicos transnacionais, como discutem Yúdice (2003) e Hall (2003).

Nesse sentido, o reggaeton projeta a América Latina globalmente por meio da língua espanhola, das estéticas urbanas e das corporalidades afro-caribenhas, funcionando como uma forma de diplomacia cultural descentralizada. Como argumenta George Yúdice (2003), na contemporaneidade a cultura deixa de ser apenas expressão simbólica e passa a operar como recurso estratégico, mobilizado por mercados, mídias e atores transnacionais.

O sucesso internacional do reggaeton exemplifica essa lógica ao transformar expressões culturais periféricas em produtos de alcance global, capazes de influenciar imaginários e percepções sobre a América Latina. A circulação do gênero contribui para normalizar o espanhol como língua global de consumo cultural e para projetar imagens da região que escapam, ao menos parcialmente, dos estereótipos tradicionais associados ao atraso ou à dependência.

Entretanto, esse exercício de soft power ocorre fora do controle direto dos Estados, o que o diferencia da diplomacia cultural clássica. Trata-se de um poder difuso, produzido por artistas, plataformas digitais e pela indústria cultural, cujos efeitos políticos são indiretos, mas relevantes. Como observa Nye (2004), embora o soft power não substitua o poder material, ele pode influenciar o ambiente internacional ao moldar narrativas, afetos e formas de reconhecimento simbólico.

## **INDÚSTRIA CULTURAL, MAINSTREAMING E MERCANTILIZAÇÃO**

A trajetória global do reggaeton evidencia tensões profundas entre sua origem como expressão cultural periférica e sua incorporação pelas engrenagens da indústria cultural transnacional. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a indústria cultural tende a padronizar produtos artísticos, neutralizando conteúdos críticos ao submetê-los à lógica da repetição, da previsibilidade e do consumo em massa. No caso do reggaeton, essa dinâmica se manifesta na homogeneização estética, na atenuação de discursos políticos e na adaptação do gênero a padrões globais de comercialização para adentrar o *mainstreaming*<sup>iv</sup>.

---

<sup>iv</sup> O processo de *mainstreaming* refere-se à incorporação de expressões culturais originalmente periféricas pelos circuitos dominantes da indústria cultural global, o que implica simultaneamente ampliação de visibilidade e reconfiguração de sentidos políticos e sociais, conforme apontam Adorno e Horkheimer (1985), Martín-Barbero (2003) e Yúdice (2003).

No entanto, essa interpretação não pode ser aplicada de forma mecânica ao contexto latino-americano. Jesús Martín-Barbero (2003) propõe compreender a cultura popular como campo de mediações, no qual convivem resistência, negociação e adaptação. Mesmo inserido no mainstream, o reggaeton preserva fissuras críticas que permitem a circulação de narrativas identitárias, denúncias sociais e posicionamentos políticos, ainda que sob constantes pressões mercadológicas.

Essa ambiguidade reflete a lógica da globalização cultural descrita por García Canclini (2005), na qual a incorporação ao mercado não implica necessariamente a perda total de sentido político, mas sua reorganização em novas formas. O reggaeton, portanto, não pode ser compreendido nem como expressão pura de resistência, nem como produto totalmente capturado pelo capital. Ele ocupa um espaço intermediário, no qual a crítica social convive com estratégias de inserção global.

## **CULTURA, PODER E SOBERANIA LATINO-AMERICANA**

Embora o reggaeton amplie significativamente a visibilidade simbólica da América Latina no cenário internacional, essa projeção cultural não se traduz automaticamente em soberania política. Paul Kennedy (1987) demonstra que o poder no sistema internacional permanece fortemente condicionado por fatores materiais, como capacidade econômica, poder militar e controle estratégico, elementos historicamente concentrados nas grandes potências.

Nesse sentido, o reconhecimento cultural oriundo do reggaeton convive com uma realidade persistente de dependência estrutural e vulnerabilidade geopolítica da América Latina. As<sup>v</sup> ameaças, sanções, intervenções e discursos hostis promovidos pelos Estados Unidos, intensificados durante e após a era Trump (2017 e 2025), evidenciam os limites do soft power cultural frente às formas tradicionais de coerção internacional. Essa contradição reforça a leitura de Aníbal Quijano (2000) sobre a

---

<sup>v</sup> O governo Donald Trump (2017–2021), tem discursos nacionalistas e políticas migratórias restritivas, com ações de órgãos como o *Immigration and Customs Enforcement* (ICE) com práticas de vigilância, deportação em massa e criminalização de populações latinas. Tais políticas articulam-se a uma agenda mais ampla da extrema direita transnacional, que reforça hierarquias raciais, fronteiriças e civilizatórias, limitando os efeitos do *soft power* cultural frente ao exercício da coerção estatal (KENNEDY, 1987; NYE, 2004; HALL, 2003).

colonialidade do poder, segundo a qual as hierarquias globais se reproduzem para além do plano simbólico, estruturando também a economia e a política internacionais.

Assim, o reggaeton revela uma tensão fundamental: ao mesmo tempo em que contribui para reposicionar a América Latina no imaginário global, ele expõe os limites dessa projeção em um sistema internacional marcado por assimetrias profundas. A cultura, nesse contexto, funciona como espaço de resistência e afirmação identitária, mas não substitui a necessidade de transformações estruturais que garantam autonomia e soberania efetivas.

## CONCLUSÃO

O reggaeton constitui uma das expressões mais significativas da criatividade, da resistência e da potência simbólica da América Latina no século XXI. Ao afirmar identidades periféricas, corpos dissidentes e narrativas historicamente silenciadas, o gênero desafia hierarquias coloniais e reposiciona a região no imaginário global por meio da cultura popular.

Contudo, essa projeção cultural ocorre em um contexto de soberania frágil, permanentemente ameaçada por ingerências externas, sanções econômicas e pressões geopolíticas, especialmente por parte dos Estados Unidos da América. A experiência recente demonstra que o reconhecimento simbólico não garante, por si só, autonomia política ou econômica. Nesse cenário, o reggaeton evidencia tanto as possibilidades quanto os limites da cultura como forma de poder político inseridas em uma sistema estruturalmente desigual.

Ao revelar as contradições entre visibilidade cultural e dominação material, o reggaeton expõe as tensões centrais da experiência latino-americana contemporânea. Ele afirma a potência simbólica da região, mas também escancara a urgência de repensar as condições estruturais que ainda limitam sua soberania no sistema internacional.

Dessa forma, o reggaeton não oferece soluções prontas nem promessas de emancipação plena. O que ele oferece é algo igualmente relevante: a possibilidade de tornar visíveis as contradições, de tensionar narrativas hegemônicas e de inscrever a América Latina no mundo a partir de suas próprias linguagens. Entre batidas, corpos e palavras, o gênero afirma que a cultura pode ser um espaço de disputa, memória e imaginação política, ainda que não substitua as transformações materiais necessárias para consolidação da soberania.

Ao retomar os questionamentos que orientaram esta investigação, conclui-se que o reggaeton ocupa um lugar ambíguo e profundamente revelador, é ao mesmo tempo, expressão de resistência e produto do mercado, voz periférica e fenômeno global, gesto político e mercadoria cultural. Essa ambiguidade não enfraquece sua relevância, ao contrário, expõe as contradições centrais da experiência latino-americana no sistema internacional contemporâneo. Como escreveu Eduardo Galeano, a história da América Latina é marcada por “veias abertas”, nas quais riqueza, cultura e corpos circulam mais facilmente do que a soberania. O reggaeton ecoa essas veias abertas em forma de som e linguagem, lembrando que, enquanto a cultura atravessa fronteiras com potência e criatividade, a autonomia política permanece um horizonte em disputa, inacabado, tensionado e ainda profundamente político.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BADBUNNY. **NUEVAYoL**. Álbum: DeBÍTiRARMáSFOToS. Porto Rico: Rimas Entertainment, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s4ftEdW2wdo>. Acesso em: 26 set. 2025.

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BURGOS, E. C. **Boundary crossing in reggaeton**. Chicago: University of Chicago, 2021.

CALLE 13. **Latinoamérica**. Álbum: *Entren los que quieran*. Porto Rico: Sony Music Latin, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ej6t-0xN4i0>. Acesso em: 26 set. 2025.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 5. ed. México: Grijalbo, 2005.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GONZALEZ, S. L. **A love letter to Puerto Rico: reggaetón as a platform for anti-colonial resistance**. Pace University, 2025.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 2003.

KENNEDY, Paul. **The rise and fall of the great powers**. New York: Vintage Books, 1987.

LUGONES, María. The coloniality of gender. **Worlds & Knowledges Otherwise**, v. 2, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

NYE, Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: PublicAffairs, 2004.

PACINI HERNÁNDEZ, Deborah. **Oye como va!: hybridity and identity in Latino popular music**. Philadelphia: Temple University Press, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 1, n. 3, 2000.

QUINTERO RIVERA, Ángel. **Música caribeña y sociedad: entre el rito y la política**. San Juan: Editorial Universidad de Puerto Rico, 2009.

RESIDENTE; IBEYI. **This is not America**. Álbum: *Residente*. Porto Rico: Sony Music Latin, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H0fT5bJGdMQ>. Acesso em: 26 set. 2025.

YÚDICE, George. **The expediency of culture: uses of culture in the global era**. Durham: Duke University Press, 2003.

## Autoria

### 1 Jordana Dorneles Guedes

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0009-9198-9494> • [jordana.guedes@acad.ufsm.br](mailto:jordana.guedes@acad.ufsm.br)

## Como citar este artigo

GUEDES, J. D. Reggaeton como expressão cultural latino-americana: identidade, resistência e soft power. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96205, p. 1-17, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896205. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596205>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

## Artigo da XIII SARI

### XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

